# FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO ADMINISTRAÇÃO

## **LUDMILA MARTINS DE SOUSA**

MULHERES E MATERNIDADE: uma discussão sobre a carreira profissional em João Pinheiro(MG).

### **LUDMILA MARTINS DE SOUSA**

# MULHERES E MATERNIDADE: uma discussão sobre a carreira profissional.

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Comissão do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica da FCJP, como requisito para conclusão do curso de Bacharel em Administração.

Orientadora: Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves

#### Dedico este trabalho

Ao meu querido irmão Leonardo que à seis anos atrás buscava o tão sonhado curso superior em Sistemas de Informação, mas por um descuido do destino foi interrompido com um grave acidente quando retornava da faculdade e assim não vive mais aqui. Então naquele dia prometi a ele que o sonho dele fora interrompido, mas eu estava viva podendo assim estudar e me graduar. Aqui estou no término dessa graduação e acredito que de onde ele estiver estará orgulhoso de mim. Obrigada pelos vinte anos vividos comigo meu irmão.

# MULHERES E MATERNIDADE: uma discussão sobre a carreira profissional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Cidade de João Pinheiro, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Administração.

### **BANCA EXAMINADORA**

Prof <sup>a</sup> . Dra. Orientadora Maria Célia da Silva Gonçalves
Prof. Sebastião Alves de Menezes
Professor (a)
Aprovado em: 03 de de rem hw de roll-

### **AGRADECIMENTO**

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da minha vida e pela oportunidade que ele me deu de frequentar a sala de aula de um curso superior.

À minha orientadora Dra. Maria Célia da Silva Gonçalves, pela amizade, pela paciência, pelo incentivo, e por todos os tempos despendidos nas orientações, sempre coerentes e acertados.

À banca examinadora, pela atenção e pelo tempo dedicado ao estudo do presente trabalho.

Aos meus pais por terem me criado com todos os devidos cuidados e por todo amor que me deram. Em especial, quero agradecer a minha mãezinha querida (*in memorian*), Lurdinha, que sempre me ensinou a lutar pelos meus ideais e sonhos e a ser uma pessoa honesta, humana.

Aos meus segundos pais: meu sogro e sogra, dizendo e ressaltando que se não fossem por eles, eu jamais concluiria essa graduação, pois cuidaram dos meus filhos com todo cuidado e amor, me deixando tranquila e concentrada nos estudos.

E por fim, ao André de Azevedo, meu esposo, pela paciência e determinação que obteve, para que nós dois conseguíssemos concluir nossa graduação, mesmo com alguns tropeços pelo caminho, minha gestação gemelar e objeções, que superamos com nosso próprio esforço.

RESUMO: Neste trabalho elegeu-se a temática "Mulheres e Maternidade, uma

discussão sobre a carreira profissional". Enfocando assim a multiplicidade de papéis

exercidos pela mulher e a complexidade de voltar a trabalhar depois de se tornarem

mães. Descreveu-se os principais obstáculos e objeções encontradas para a mulher

na antiguidade e também no período contemporâneo. O objetivo mensurou

identificar como as mulheres da cidade de João Pinheiro conciliam a maternidade e

a vida profissional.

O método utilizado pela presente pesquisa foi às pesquisas descritivas e

explicativas, de modo que é de fácil compreensão receptar que as mulheres

encontram dificuldades no mercado de trabalho em razão da maternidade. Pode-se

dizer que a pesquisa realizada atingiu os objetivos propostos, visualizando aqui as

principais barreiras e as possíveis mudanças para as mulheres que almejam carreira

profissional e também maternidade.

Palavras-Chave: Mulher. Mãe. Maternidade. Carreira profissional.

# LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Idade21
Gráfico 2- Renda familiar22
Gráfico 3- Escolaridade23
Gráfico 4- Há quanto tempo não atua no mercado de trabalho?24
Gráfico 5- Em relação ao seu emprego como se sente?24
Gráfico 6- Após a maternidade qual a principal barreira encontrada para retornar ao mercado de trabalho?25
Gráfico 7- Com o término da licença maternidade, acontece o reingresso no
trabalho e na vida social. Você conseguiu executar suas tarefas diárias com a
mesma precisão?26

# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 SER MULHER, PROFISSIONAL E MÃE: MULTIPLICIDADE DE FUNÇÕES	12
3 AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO EM JOÃO PINHEIRO 3.1 Análise e Discussão dos Dados	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXO	35

## 1 INTRODUÇÃO

Existem nos dias atuais reflexões inerentes à mulher que trabalha fora de casa, que é mãe e também zeladora do lar e da família. O crescimento e a consolidação da participação da mulher no mercado de trabalho tem apresentado grande aumento e evolução, número crescente principalmente nos grandes centros das regiões metropolitanas e ênfase de efetivação de posses nos setores públicos.

Ainda é importante ressaltar que com esse crescimento das mulheres no mercado de trabalho, a vida familiar com filhos, esposo e casa tornam-se carentes de atenções e dedicações necessárias. O que demonstra uma situação complexa, pois a mulher precisa também do seu espaço na sociedade, crescimento intelectual e vida profissional. Tudo isso é almejado pela mulher para obter melhor qualidade de vida, que como consequência atrai sua autoestima.

Assim, tornou-se relevante o estudo de temas relacionados à figura da mulher, sua relação com o mercado de trabalho e o lar com maior atenção à maternidade. Mudanças que o gênero feminino sofreu e vem sofrendo ao longo dos anos. A mulher contemporânea tem sido destaque em diversos papéis e funções na sociedade, alavancou o mercado de trabalho com suas técnicas femininas de exercer multiplicidade de papéis. Tais mulheres conseguiram e vêem conseguindo seu espaço gradualmente no mundo e no mercado de trabalho.

O que justifica o sucesso de suas conquistas, já que quisera e almejava tanto reconhecimento profissional e pessoal, englobando de forma especial a maternidade. Portanto, em meio às conquistas surgem os desafios, entre eles a conciliação da maternidade e o sucesso profissional. Muitas das vezes quando a mulher opta pela maternidade ela enfrenta esses desafios para conseguir conciliar ambos os papéis. Daí a importância de apoio governamental e familiar para seu retorno no mercado de trabalho que hoje está cada vez mais competitivo.

O tema proposto inerente à realidade da mulher atual chama a atenção da importância do papel da mulher num contexto geral na sociedade, já que a mulher consegue exercer diversificadas funções e atividades com eficiência e eficácia.

O assunto aqui descrito é de extrema importância para os futuros administradores, pois compete ao bom administrador conseguir minimizar e solucionar essas objeções encontradas para a mulher na carreira profissional e sua

relação com a maternidade.

Desta forma surge o seguinte questionamento: como as mulheres da cidade de João Pinheiro podem conciliar ambos os papéis, o profissional e o familiar para ter qualidade de vida? É possível que a realização profissional seja conciliada à maternidade? Há algum incentivo para que isso ocorra?

Deste modo o presente estudo visa identificar como as mulheres de João Pinheiro conciliam a maternidade e a vida profissional, com o objetivo de:

- a) Analisar o papel da mulher no mercado de trabalho ao longo dos anos;
- b) Discutir meios de conciliação entre maternidade e o mercado de trabalho da mulher;
- c) Discorrer acerca de dificuldades que são inerentes às condições concomitantes de mulher, mãe e esposa;
- d) Verificar quais os aspectos que favoreceram e ou prejudicaram a carreira profissional das mulheres após o nascimento dos filhos.

Ao longo dos séculos as mulheres perpassaram com maestria todas as dificuldades que lhes apresentavam, principalmente às do mercado de trabalho. Aos poucos foram conquistados espaços pequenos, e estes se agigantaram. Do desejo de estudar ao mercado de trabalho nada foi propício à atuação das mulheres.

Inicialmente vistas como mero objeto do homem deveriam ser submissas e reportadas ao ambiente doméstico, porém, contrariaram o destino e o poder e com o passar dos anos assumiram papéis de grande destaque em todo o mundo.

Atualmente as mulheres ocupam importantes cargos, comandam grandes organizações econômicas e corporações, ocupam importantes cargos políticos e conquistam cada vez mais espaço. Superar as barreiras impostas pela maternidade é, antes de tudo, superar as barreiras impostas por uma sociedade que ainda possui resistência quanto ao crescimento profissional da mulher e por vezes não a valorizam como possuidora de direitos igualitários.

Certamente, a mudança de comportamento que se espera ver na mulher crecisa ser iniciada, também, na sociedade. Algumas medidas já foram tomadas cara que o preconceito em relação à mulher e o trabalho sejam quebrados, como a criação de leis trabalhistas e da lei de proteção à mulher, a lei Maria da Penha (Lei 11.340 de 2006). No entanto, tais medidas ainda não foram eficientes tomando-se recessário que os representantes políticos busquem mais soluções como a

conscientização da sociedade, através de medidas educativas e mais oportunidades para as mulheres, principalmente no que se refere a gestantes e com crianças.

Como mencionado, já existem leis que buscam a igualdade entre homens e mulheres, quais sejam, a Consolidação das leis de trabalho e a lei Maria da Penha, porém, ainda não são suficientes para criar um cenário propício para que as mulheres não continuem a serem vítimas da desigualdade, principalmente no mercado de trabalho, que se torna cada vez mais voraz exigindo mais produção e grandes metas.

Para que o objetivo do presente estudo seja alcançado, serão realizadas pesquisas qualitativas descritivas e explicativas. Será facilmente compreendido como as mulheres encontram dificuldades no mercado de trabalho em razão da maternidade. Para Gil (2008) as pesquisas descritivas trazem caraterísticas dos institutos estudados, enquanto que a explicativa identifica os fatos que permitem que estes institutos aconteçam.

Com a pesquisa descritiva serão estabelecidos os efeitos da discriminação a mulher ao longo dos séculos na sociedade e, consequentemente, no mercado de trabalho. A pesquisa explicativa esclarecerá como esta discriminação permite que o mercado de trabalho feminino seja coberto de dificuldades. A partir desta análise haverá informações importantes para a comunidade acadêmica como um todo e, principalmente, para a sociedade.

Ademais, serão utilizadas pesquisas bibliográficas e artigos da internet. Pelos livros serão analisados conceitos, somando-os ao estudo de campo para que se possa afirmar quais são os desafios da mulher gestante no mercado de trabalho.

Baseado neste assunto foi realizado uma pesquisa de campo com dez mulheres da cidade de João Pinheiro que se tornaram mães recentemente com vista a levantar dados para esclarecer a problemática apresentada. Metade das mulheres regressaram ao trabalho após a maternidade e a outra metade não retornou e não trabalham.

No primeiro capítulo foi realizada uma revisão de literatura com vista a refletir sobre temas inerentes à mulher que trabalha fora de casa, que é mãe e também zeladora do lar e da família. O mercado de trabalho encontrou grande aumento e evolução com a participação da mulher, surgindo daí as pesquisas voltadas para a conjunção da carreira e da maternidade que se deram pela relevância e escassez do

tema na realidade brasileira, por tal motivo, justifica-se as pesquisas que abordam tal tema sobre diferentes perspectivas teóricas. Todavia no segundo capítulo realizou-se uma pesquisa de campo, aplicado por meio de questionário para visualizar quais as objeções encontradas para as mulheres que tornaram-se mães e que retomariam suas vidas profissionalmente e pessoalmente.

# 2 SER MULHER, PROFISSIONAL E MÃE: MULTIPLICIDADE DE FUNÇÕES

As novas configurações familiares vêm mostrando, de acordo com Grant (2002), a desintegração da família tradicional e a reorganização dos papeis sociais, por parte tanto do homem quanto da mulher. Isso vem atingindo, diretamente, os papéis de mãe e de pai dentro do contexto familiar e, consequentemente, provocando modificações nas concepções de maternidade entendidas até então (Scavone, 2001).

As pesquisas voltadas para a conjunção da carreira e da maternidade se deram pela relevância e escassez do tema na realidade brasileira, por tal motivo, justifica-se as pesquisas que abordam tal tema sobre diferentes perspectivas teóricas.

Há estudos que destacaram as consequências provenientes das novas tecnologias, como o uso dos métodos contraceptivos e do ingresso feminino no mercado de trabalho, veio desconstruir a visão da mulher como sinônimo exclusivo de mãe. No entanto, Scavone (2001, 2002), em sua revisão sociológica a respeito das mudanças mais marcantes nos padrões da maternidade contemporânea, alega que ela é ainda um elemento cultural muito forte ligado à identidade feminina. Com isso, serão abordadas a seguir as novas configurações da maternidade, não mais tão exclusiva e atrativa como nas décadas passadas.

A maternidade atual trouxe para as mulheres tentativas, implicações e conflitos distintos (Martinez & Barbieri, 2011), o que tem levado os estudos mais recentes a pesquisar temas sobre diferentes condições maternas características da sociedade contemporânea. Com a diminuição da natalidade e a consolidação da mulher no mercado de trabalho, as pesquisas direcionaram seus focos para questões atuais, como maternidade tardia (Gomes, Donelli, Piccinini & Lopes, 2008), adoção (Sonego & Lopes, 2009), inseminação artificial (Spotorno, Silva & Lopes, 2008) e família homoparental (Martinez & Barbieri, 2011).

Nesse sentido, Sigal (2002), afirma que a maternidade passa a ser entendida cela articulação entre o desejo e seu contexto sócio-histórico não havendo uma inearidade no que irá acontecer na vida da mulher, pois sua história está cruzada com as questões de gênero, sociais e história individual. Ao encontro de tal idéia,

Jerusalinsky (2009) interroga se a equação apontada por Freud (1976).

No entanto, essas novas configurações não deixam de ter novas tensões, uma delas é apontada no estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) e refere-se ao adiamento da maternidade devido à inserção da mulher das classes média e alta no espaço público, principalmente aquelas que priorizam suas carreiras profissionais. Em decorrência disso, há uma coincidência da idade de se dedicar à carreira e a de ser mãe, e essas duas tarefas exige extrema entrega (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Brazelton, 1988).

A emancipação feminina significou uma soma de responsabilidades, conjugando o ser mãe e o ser profissional (Grant, 2002; Jerusalinsky, 2009). Porém, não se pode pensar em vida pessoal e profissional de maneira dicotômica. Para o indivíduo construir sua carreira, as metas da vida pessoal e profissional têm que ser pensadas e planejadas em consonância (Lima & Tose, 2001).

O estudo de Hewlett (2002), assim como os de Lee e Gramotnev (2006), Pazello e Fernandes (2004) e Souza, Rios-Neto e Queiroz (2011) sugerem a criação de políticas que garantam o equilíbrio nas diferentes esferas da vida da mulher. Já Hewlett (2002) sugere políticas que ajudem a alcançar a conciliação entre maternidade e carreira a longo prazo.

Os estudos ainda advertem para tal necessidade, chamando atenção para o fato de que a reorganização da família pela inserção da mulher no mercado de trabalho pode diminuir os investimentos no capital humano (Souza, Rios-Neto & Queiroz, 2011; Pazello & Fernandes, 2004). No Brasil, a tentativa de conciliar maternidade e carreira e postergar a separação mãe-bebê foi discutida no âmbito político.

Atualmente, há um direito que garante constitucionalmente esse momento entre mãe e filho nos primeiros quatro meses de vida do bebê, que é nomeado de Ecença-maternidade. Com a necessidade de ir além, em setembro de 2008, o ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o aumento da licença-maternidade de 120 para 180 dias; no entanto, a extensão não é obrigatória.

De acordo com a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2010) há pesquisas exernacionais que indicam que a manutenção do vínculo entre a mãe e o bebê após seu nascimento é intensificado pelo convívio entre os dois, gerando uma sensação se maior bem-estar à criança e uma maior probabilidade de boa saúde mental ao

mesmo. Portanto, a separação da mãe do bebê é um momento delicado e importante na vida da mulher e da criança, podendo gerar problemas futuros.

Deste modo, quando a licença maternidade chega ao fim, somado ao reingresso no mercado de trabalho e na vida social, conforme propõe Jerusalinsky (2009), as mulheres não conseguem reinvestir da mesma maneira esses dois espaços; seja pelo temor de faltarem excessivamente ao seu bebê, seja por não saberem dosar a presença e ausência com seu filho, assim como a mãe ideal deve saber fazer, ou por não poderem realizar viagens de trabalho inesperadas, horas extras ou levar tarefas para o lar.

Neste sentido, vejamos:

Os mitos e as crenças que envolveram as consequências das atividades remuneradas das mulheres para sua qualidade de vida e bem-estar subjetivo e que criaram toda uma teoria de que elas deveriam permanecer em seus papeis tradicionais vêm se diluindo à medida que pesquisas realizadas apontam para uma melhor qualidade de vida e bem-estar subjetivo de mulheres que possuem um trabalho remunerado, em contraposição às mulheres que não trabalham. Como consequência dessa nova realidade, é possível notar uma mudança profunda na estrutura familiar tradicional à medida que o pai deixa de ser o único provedor e a mãe, a única responsável pelas tarefas domésticas e cuidados dos filhos. O que se vê atualmente em muitas famílias brasileiras de nível socioeconômico médio é um processo de transição, em que a divisão de tarefas entre pai e mãe pontua o dia a dia da família. Nos casamentos nos quais existe uma divisão mais igualitária das atividades domesticas e cuidado com os filhos, todos ganham, pois, se por um lado, a mãe diminui a sobrecarga em casa e passa a contribuir financeiramente com seu trabalho, por outro lado o pai sofre menos a pressão dos momentos de insegurança no emprego e pode conviver mais com a família, criando um relacionamento mais estreito, o que favorece o bem-estar emocional dos filhos. (MALUF, 2012, p. 08)

Estar no mercado de trabalho nunca foi uma tarefa fácil para as mulheres, no entanto, Maluf (2012) destacou a mobilização havida na sociedade. De sorte que estes mitos em torno de atividades desenvolvidas pelas mulheres e eventuais resultados danosos foram sendo afastados. Inclusive, aqueles que defendiam que a mulher devesse permanecer em casa, desenvolvendo seu tradicional papel da mulher do lar.

De acordo com Maluf (2012) foram realizadas pesquisas fazendo comparações entre mulheres que trabalham e que não trabalham. O resultado da cesquisa não comprovou haver melhor qualidade de vida e bem-estar subjetivo

entre as mulheres que possuem trabalho remunerado. De outro lado, Maluf (2012) destaca que as mulheres que não possuem trabalho remunerado têm baixa qualidade de vida e bem-estar subjetivo.

O mercado de trabalho para a mulher experimentará novos ares a partir da nova realidade social destacada por Maluf (2012). Segundo a autora tem havido uma mudança profunda na estrutura das famílias, o homem já não é o único provedor da casa e neste mesmo sentido, a mulher tem deixado de ser a única responsável pelas tarefas do lar e do cuidado com os filhos.

De acordo com Maluf (2012) as famílias de classe média brasileira têm experimentado uma divisão de tarefas domésticas entre homem e mulher. O que a autora denominou de processo de transição.

Os problemas inerentes à maternidade podem ser amenizados a partir da implementação nos lares do que Maluf (2012) relata acerca da divisão de tarefas. Segundo a autora o homem e a mulher ganham quando as tarefas domésticas são divididas entre os cônjuges, o que incluí o cuidado dos pais com os filhos. Relata, ainda, que a mulher não fica sobrecarregada em casa e contribui com o pagamento de despesas. Já o homem estará menos pressionado com as inseguranças de seu emprego, e criará um melhor relacionamento com sua família, o que refletirá no bem-estar emocional dos filhos.

Nesse sentido, percebe-se que a divisão das tarefas domésticas e da criação e da educação dos filhos parece não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar. O descompasso dessas mudanças se evidencia em suas mais diversas expressões, como no fato de que o trabalho doméstico continua sendo frequentemente denominado trabalho de mulher. O desemprego provocado pela chamada onda tecnológica tem levado a mulher a assumir cada vez mais a chefia da família. O homem, como tradicional provedor familiar, cede lugar à mulher, que se torna provedora parcial ou total das necessidades da prole, afirmando, assim, sua competência no desempenho da atividade masculina, mesmo numa conjuntura adversa e desigual. Ela permanece ganhando, em geral, menos do que o homem e sujeitase, muitas vezes, a realizar tarefas em situação precária, adequandose à flexibilização do trabalho. (MALUF, 2012, p. 16)

Maluf (2012) descreveu um cenário de assunção de responsabilidades pela mulher em razão do desemprego do homem. Segundo a autora as mulheres têm chefiado as famílias, uma vez que o que o homem não tem assumido este papel

sozinho. Seja de modo parcial ou total a mulher tem se tornado provedora das necessidades do lar

Esta responsabilidade de prover as necessidades do lar tem feito com que a mulher se afirme como competente para desenvolver uma atividade masculina, ainda que não o faça em situações boas e com igualdade. Isto ocorre por que a sua remuneração, em regra, é inferior à do homem e, também porque desenvolve suas atividades em situações pouco favoráveis e flexíveis. Vejamos:

O elevado grau e satisfação com a condição feminina, de confiança na progressiva melhoria do estatuto das mulheres e de adesão ao feminismo é o resultado de maior impacto neste segmento da pesquisa. (...) o expressivo grau de satisfação demonstrado pelas mulheres brasileiras na pesquisa realizada em 2010 - 74% (ver Anexo, quadro 5) das entrevistadas julga que sua situação está melhor do que no passado - sugere que em sua avalição elas tendem a priorizar as melhorias que efetivamente conquistaram e a desconsiderar ou minimizar as barreiras sociais que ainda se interpõem à realização de seu potencial. Pesquisa similar realizada em 2001 já registrava um índice elevado de mulheres satisfeitas, 65% de entrevistadas emitiam a mesma opinião. Se tal sensação de conforto e de confiança num progresso contínuo pode em parte ser creditada a um arraigado otimismo dos brasileiros, sempre prontos a considerar que sua vida vem melhorando e vai paulatinamente continuar a melhorar, como apontou entre outros Eunice Durham em A caminho da cidade (1973), é preciso reconhecer que nesse caso a percepção positiva parece estar ancorada num julgamento realista. (COSTA, 2011, p. 37)

Não obstante a todas as dificuldades vivenciadas pelas mulheres, Costa (2011) destaca que esta situação vem sendo modificada e as mulheres têm se sentido otimistas quanto às suas novas conquistas. A autora destaca que o grau de satisfação feminina com sua condição alcançou o percentual de 74% (setenta e quatro por cento) em pesquisa realizada no ano de 2010. Para as entrevistadas sua situação está melhor que no passado. Esta pesquisa permite compreender que várias barreiras foram derrubadas no mercado de trabalho feminino e que outras ainda precisam ser derrubadas.

Costa (2011) salientou que as mulheres estão priorizando aquilo que elas já conquistaram e que as barreiras sociais que ainda lhes apresentam têm sido reduzidas ou desconsideradas. Sendo, pois uma forma de demonstrarem seu potencial no mercado de trabalho. A autora ainda afirmou que o julgamento de que a situação das mulheres melhorou é pautado na realidade. Não obstante sejam os

brasileiros otimistas, as mulheres experimentam novas oportunidades, destacou a autora.

Sem dúvida, importantes transformações em torno das atribuições de homens e mulheres, nos espaços público e privado, ocorreram nas quatro últimas décadas no país. Os questionamentos sobre a restrição das mulheres ao espaço privado (casa) e ao cargo de esposa, mãe e cuidadora foram, em boa parte, desencadeados pelas atuações dos movimentos feministas, especialmente a partir da década de 1960, e impulsionados pelas mudanças socioeconômicas e demográficas que repercutiram no interior das famílias. Assim, aspectos como a expansão da presença feminina no mercado de trabalho, a ampliação da escolarização e da participação das mulheres no domínio da política, a separação entre o exercício da sexualidade e a reprodução (com a disseminação da contracepção hormonal), entre outros, são destacados como impulsionadores de uma (re)configuração da identidade feminina (Rocha-Coutinho, 2000) (COUTO E SCHARAIBER, 2011, p. 49)

Neste mesmo sentido, Couto e Scharaiber (2011) descreveram ter havido transformações importantes nas atribuições do homem e da mulher. De sorte que tais mudanças incluem o novo papel da mulher no mercado de trabalho, inclusive conciliando-o com a maternidade. A transformação, a que as renomadas autoras se referiram, pode ser observados em espaços públicos e privados.

Para Couto e Scharaiber (2011) foram os movimentos feministas que desencadearam as discussões em torno do papel feminino. Em boa parte restrita ao ambiente doméstico, seja como esposa, seja como mãe. As mudanças socioeconômicas e demográficas também contribuíram para esta transformação na situação das mulheres, uma vez que elas incidiram e modificaram o interior das famílias.

Importou, ainda, ter analisado o cenário feminino a partir das novas situações que permearam a vida da mulher. Couto e Scharaiber (2011) descreveram que as mulheres expandiram seu papel no mercado de trabalho e estão mais escolarizadas e têm contribuído para a vida política. No caso privado, a mulher reconfigurou o exercício de sua sexualidade, já não mais associada à reprodução. Todas estas modificações reconfiguraram a identidade da mulher no mercado de trabalho, destacam as autoras.

Todas as manifestações de violência que, embora dirigidas à mulher, se processam no interior da família e envolvem as pessoas específicas do convívio cotidiano de uma espacialidade física

demarcada. Representam o exercício do poder e de controle na medida em que são hierarquizadas, expressam a necessidade masculina de afirmação do poder da virilidade, ao querer controlar sexual e fisicamente (sua) a mulher. (BANDEIRA, 2011, p. 70)

A violência doméstica contra a mulher é uma fratura social nas relações de homens e mulheres, afirma Bandeira (2011). Várias são as formas de violentar uma mulher e a maioria delas ocorre no interior da família e envolvem pessoas que fazem parte do seu cotidiano, ou seja, o espaço físico de agressão é demarcado. Seguindo os ensinamentos da autora é possível concluir que as dificuldades que se impõem no mercado de trabalho ocorrem em virtude da necessidade masculina de afirmar seu poder de virilidade. E este poder se concretiza com o desejo de controlar a mulher sexual e fisicamente.

A sociedade brasileira se forjou às custas da exploração de mulheres e homens, que geraram mais valia nos setores da economia, seja na atividade laboral diretamente vinculada à produção ou nas atividades de infraestrutura, como o trabalho doméstico e os cuidados com crianças, doentes e pessoas velhas. No entanto, as mulheres foram desvalorizadas e relegadas sempre mais injustiçadas, esquecimento pela história oficial. São características marcantes de nossa sociedade a conduta baseada no preconceito, na discriminação, na violência e na invisibilidade das mulheres. Por pertencerem ao sexo feminino, ou seja, pelo simples fato de serem mulheres, são alvo de desvalorização o que gera a violência contra a mulher e sua banalização. Os movimentos de mulheres e feministas criaram a expressão violência contra a mulher ou violência contra s mulheres buscando o reconhecimento, a identificação e o enfrentamento de um conjunto de práticas violentas contra s mulheres para subjugá-las ao poder masculino e impedindo - as de exercer dignamente a cidadania. (TELES, 2010, p. 384)

Teles (2010) descreveu a exploração das mulheres no mercado de trabalho e na economia como um todo. A economia foi desenvolvida às custas da exploração das mulheres, seja nas linhas de produção ou em atividades denominadas de infraestrutura, como aquelas em que se cuida do lar, das crianças e de pessoas velhas ou doentes. No entanto, a autora destaca que esta parte da história foi marginalizada.

A sociedade é caracterizada por tratar a mulher com preconceito, discriminála, permitir a sua agressão e concebê-la com um ser invisível, aponta Teles (2010). A razão de ser desta violência é, exclusivamente, sua condição de mulher. É o preconceito que impede sua valorização na sociedade, no mercado de trabalho e na conciliação entre estes dois, o que permite a reflexão sobre a maternidade a superar quaisquer preconceitos.

A violência contra as mulheres se constrói, ao longo da história, com base na ideia ou na ideologia de que as diferenças biológicas são as responsáveis pelas desigualdades socais e de injustiça. Mas na realidade, as diferenças biológicas existem e, ao serem respeitadas, fazem com que cada pessoa, seja individualmente original e única. Em hipótese alguma podem ser usadas para justificar as desigualdades econômicas e sociais. Estas são criadas por meio de processos históricos, encabeçados por interesses de grupos que transformas as relações sociais conforme suas ambições políticas e econômicas, em prejuízo da maioria, colocando as pessoas na condição de "massa", homogeneizada, sem rosto, sem voz e sem vontade. Para justificar as arbitrariedades cometidas em nome do poder, naturaliza-se a violência latente ou explicita nestas relações. (TELES, 2010, p. 385)

A maternidade é uma das diferenças biológicas da mulher em relação ao homem. Todavia, Teles (2010) destaca que as diferenças biológicas não são responsáveis pelas desigualdades sociais e pela injustiça a que estão relegadas as mulheres. Estaria, portanto, a maternidade sendo utilizada para retirar direitos das mulheres, ao passo em que Teles (2010) discorre que diferenças biológicas devem ser usadas para tornar a mulher original e única e não para justificar desigualdades.

Encontrando-se, a maternidade, dentro das injustiças a que estão submetidas às mulheres. Segundo ensinou Teles (2010) as diferenças biológicas não justificam desigualdades. Porque a desigualdade é fruto de um processo histórico. E neste processo existem grupos que transforam a sociedade de acordo com seus interesses políticos e econômicos, ainda que sobrevenha prejuízo à maioria.

As mulheres são incluídas em uma grande massa homogênea, aonde não se veem rostos, vozes e vontades e a forma encontrada para justificar a violência contra a mulher é naturalizar a desigualdade através das diferenças biológicas, como é a maternidade.

Nesta mesma esteira do preconceito histórico como fator impeditivo à realização da mulher no mercado de trabalho em conciliação com a maternidade, Andrade (2004) explicou como os papéis estereotipados de homem e de mulher foram sendo consolidados ao longo dos séculos. Daí adveio desigualdades com fundamento nas diferenças biológicas, conforme explicita Teles (2010).

A esfera pública, configurada como a esfera da produção material, centralizando as relações de propriedade e trabalhistas (o trabalho produtivo e a moral do trabalho), tem seu protagonismo reservado ao

homem como subjetivo produtivo, mas não qualquer homem. A estereotipia correspondente para o desempenho deste papel (trabalhador de rua) é simbolizada no homem racional/ativo/forte/potente/guerreiro/viril/publico/ possuidor. A esfera privada, configurada, a sua vez, como a esfera da reprodução natural, e aparecendo como o lugar das relações familiares (casamento, sexualidade reprodutora, filiação e trabalho doméstico) tem seu protagonismo reservado à mulher, por meio do aprisionamento de sua sexualidade na função reprodutora e de seu trabalho no cuidado do lar e dos filhos. É precisamente este o eixo da dominação patriarcal. (ANDRADE, 2004, p. 587)

De acordo com Andrade (2004) a esfera pública dos espaços foi reservada aos homens. Nela se tem produção material e relações de propriedade e trabalhistas. O homem que atua nestas áreas deve ser racional e ter outras características como força e virilidade. À mulher coube o protagonismo nas esferas privadas, destinadas à reprodução natural, o lugar em que se desenvolvem relações familiares. Segundo a autora a mulher estaria condicionada à prisão de sua sexualidade na função reprodutora e seu trabalho deveria ser o doméstico.

Por fim, destacou que o principal óbice à conciliação do trabalho da mulher com sua maternidade é o preconceito constituído ao longo dos séculos. À mulher deu-se a possibilidade de ser apenas do lar, papel que vem sendo diluído e dividido com o homem. Não há barreiras biológicas que impeçam a mulher de contribuir para o crescimento da economia e de um país. Estas barreiras que se interpuseram ao longo dos anos são meramente sociais e contrárias à igualdade que se espera para a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

# 3 AS MULHERES E O MERCADO DE TRABALHO EM JOÃO PINHEIRO

Esse capítulo tem por objetivo analisar os dados colhidos em campo por meio de entrevistas aplicadas a 10 mulheres moradoras de João Pinheiro (MG).

#### 3.1 Análise e Discussão dos Dados

Baseado na pesquisa de campo realizada foi possível levantar os seguintes dados para esclarecer a problemática apresentada.

O gráfico 1 (um) ilustrado abaixo mostra a faixa etária das entrevistadas, onde 70% da mulheres possuem idade entre 20 a 30 anos e 30% entre 31 a 40 anos. O que é possível de se entender, pelo fato de serem mulheres jovens, vivendo a fase da maternidade e o período de maior produtividade no mercado de trabalho.

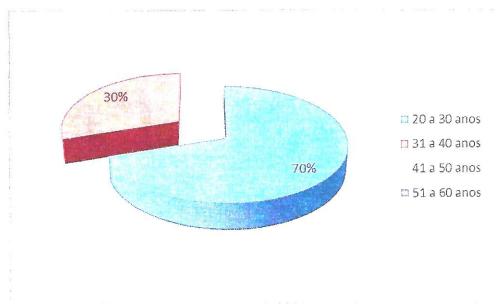
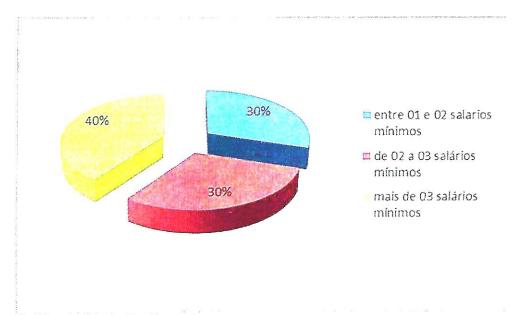


Gráfico 1- Idade

Fonte: Dados da Pesquisa 2016

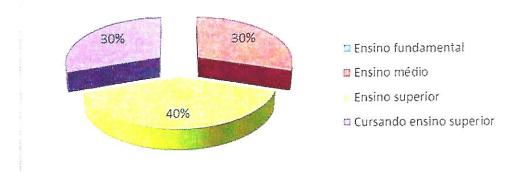
O gráfico 2 (dois) apresenta a renda familiar, onde 40% das entrevistadas possuem renda superior à 03 salários mínimos, 30% entre 01 a 02 salários mínimos e 30% entre 02 a 03 salários mínimos. Pelos dados da renda familiar das entrevistadas pode-se perceber o quão difícil se torna a decisão de se manter fora do mercado para se dedicar à maternidade, uma vez que seus rendimentos seriam muito bem vindos na manutenção da família.



**Gráfico 2-** Renda familiar Fonte: Dados da Pesquisa 2016

O gráfico 3 (três) apresentado abaixo retrata o nível de escolaridade das mulheres pesquisadas, onde 40% possuem ensino superior, 30% estão cursando o ensino superior e 30% o ensino médio. Esse se torna outro agravante, são mulheres com tripla jornada, filhos, casa, estudos e possibilidades de mercado de trabalho. Como bem observou Del Priore (2014, p.07):

(...) as mulheres do século XXI são feitas de rupturas e permanências. Cuidar dos filhos, cuidar da casa fazem parte dessas permanências, nem sempre é fácil romper com esse "papel feminino" estabelecido pela sociedade altamente machista que estabelece que esses cuidados devem ser feitos pelas mulheres.

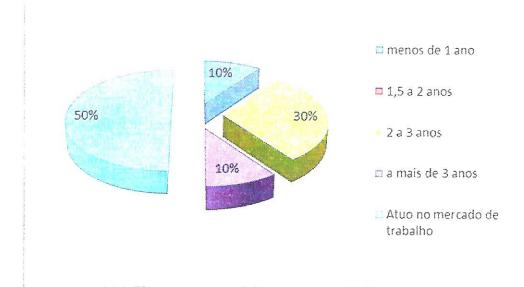


**Gráfico 3-** Escolaridade Fonte: Dados da Pesquisa 2016

O gráfico 4 (quatro) ilustrado abaixo retrata a quanto tempo as entrevistadas não atuam no mercado de trabalho, onde 50% delas voltaram a atividade profissional, 30% estão fora do mercado de 2 a 3 anos, 10% a mais de 3 anos e 10% menos de 1 ano. Nessa direção Gravena e Barham (2012, p.12) salientam que:

As mulheres que optam por não retornarem ao trabalho após o nascimento dos filhos, dedicando-se prioritariamente à vida familiar, podem ter consequências positivas trazidas pela satisfação em desenvolver o papel de mãe. Gravena e Barham (2012) apud Silveira e Barham (2000) No entanto, podem se deparar com problemas advindos da adaptação à renda menor, em um momento no qual a família tem novas despesas e redução nos contatos sociais.

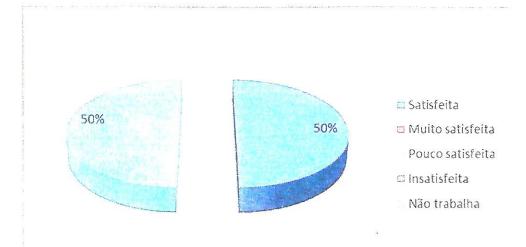
Sendo importante mencionar que esse é um momento de muitos gastos com o bebê e a mulher ao abrir mão de seus rendimentos para se dedicar a criação dos filhos, de certa forma deixa em segundo plano sua liberdade e independência.



**Gráfico 4**- A quanto tempo não atua no mercado de trabalho? Fonte: Dados da Pesquisa 2016

Abaixo o gráfico 5 (cinco) retrata o grau de satisfação da mulher em relação ao seu emprego, onde 50% delas não estão trabalhando e as 50% que trabalham estão satisfeitas. Nesse sentido Beltrame e Donelli (2012) exemplificam:

A maioria das pesquisas também leva em consideração o grau de satisfação das mulheres em relação ao que fazem, sendo essa uma das principais razões para a mulher retornar ao trabalho após o nascimento do filho. Beltrame e Donelli (2012)



**Gráfico 5**- Em relação ao seu emprego como você se sente? Fonte: Dados da Pesquisa 2016

Abaixo o gráfico 6 (seis) evidencia a principal barreira encontrada pela mulher para retornar ao mercado de trabalho após a maternidade. Onde 100% das entrevistadas disseram que a principal barreira é conciliar horário de trabalho e educação dos filhos.

As concepções a respeito da maternidade e da carreira fazem com que as mães criem estratégias nesses dois ambientes para conciliar os múltiplos papéis. Os estudos apontam que a crença da mãe como única capaz de cuidar do filho traz sentimentos de ansiedade e insatisfação na mulher. Já a supervalorização da carreira gera medo de provocar a falta excessiva ao bebê e uma terceirização demasiada dos cuidados com a criança. (GRAVENA E BARHAM 2012, p.12)

Nesse sentido Silva (2014) é categórica em afirmar que:

O conceito de mulher, dona de casa, mãe e esposa, mudou. As mulheres ainda são mães, esposas e dona de seu lar, porém, junto a tudo isso, estão no mercado de trabalho atuando de forma efetiva diversas funções. As conquistas são constantes, e as quebras de tabus são diárias, em meio a esta avalanche cultural que temos vivido.



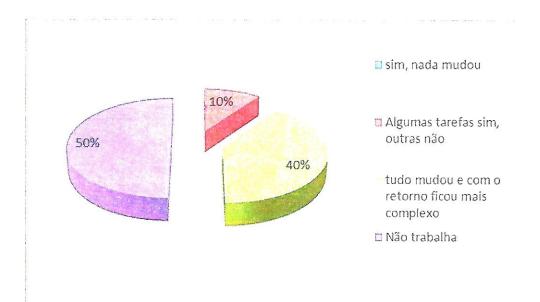
**Gráfico 6**- Após a maternidade qual a principal barreira encontrada para retornar ao mercado de trabalho?

Fonte: Dados da Pesquisa 2016

O gráfico 7 (sete) apresenta como as entrevistadas conseguiram executar suas tarefas diárias após a licença maternidade, mostrando que 50% delas não trabalham fora do lar recebendo remuneração, 40% relataram que com o retorno ao

trabalho tudo ficou mais complexo e 10% disseram que para algumas atividades houve dificuldades de adaptação, outras não.

Ao tornarem-se mães, as mulheres inseridas no mercado de trabalho precisam se reorganizar para manter suas atividades profissionais enquanto seus filhos são pequenos. (Gravena e Barham, 2012)



**Gráfico 7**- Com o término da licença maternidade, acontece o reingresso no trabalho e na vida social. Você conseguiu executar suas tarefas diárias com a mesma precisão? Fonte: Dados da Pesquisa 2016

Pela análise do gráfico demonstrados acima tem se que a maioria das entrevistadas está entre 20 e 30 anos e possuem renda familiar de mais de 03 salários mínimos e ensino superior.

A metade, ou seja, 50% das mulheres que participaram da entrevista estão fora do mercado de trabalho e a outra metade voltou a atuar. Sendo importante ressaltar que, todas que trabalham estão satisfeitas.

Já a totalidade das entrevistadas, ou seja, 100% das mulheres que participaram da entrevista consideram que a principal barreira encontrada para retornar ao mercado de trabalho é conciliar o horário de trabalho e a educação dos filhos.

No que diz respeito às mudanças em sua rotina familiar ao término da licença maternidade, 40% relatam que desenvolver as atividades do lar se tornou mais complexo.

Em relação ao preconceito enfrentado pela mulher no mercado de trabalho após a maternidade, constatou-se que algumas mulheres sentem que o preconceito

muitas vezes vem da sociedade que criticam as mães que optam por voltar a trabalhar e deixar a educação dos filhos com terceiros.

Outro fato relatado foi o preconceito por parte das empresas na contratação de mulheres que tem filhos, a seguir transcrevemos algumas das respostas das entrevistadas que ilustra o que foi dito:

Entrevistada 1 " Sim, pois as empresas muitas vezes colocam barreiras, como horários apertados e ainda tem a sociedade e a família que em muitos casos acabam recriminando uma mãe que opta por trabalhar fora de casa."

Por mais que o mundo tenha mudado nos últimos séculos, ainda é possível observar o preconceito pela mão de obra feminina em função da maternidade. As empresas, em sua maioria, já têm como certeiro o fato da mulher não conseguir cumprir os seus horários, já levam em conta as necessidades das ausências em função das doenças dos filhos, e fica mais fácil evitar a utilização dessa mão de obra.

Segundo Moreira e Nardi (2010, p. 193) "Pensar a articulação entre maternidade e trabalho é também pensar os enunciados que definem o que é ser mulher [...]". Assim sendo, é possível considerar que o ser mulher, mãe e trabalhadora implica em ter uma identidade que permita a articulação desses papéis, considerando que um papel não exclui o outro, mas que há uma complementariedade em todas essas vivências.

Vejamos o posicionamento da segunda entrevistada:

Entrevistada 2 - "Sim, pois quando você conta em uma entrevista de emprego que tem pretensão de ser mãe, muitas empresas descartam sua vaga para outra mulher que não quer a maternidade e este é um dos preconceitos mais comuns."

Para conseguir um emprego ou se manter nele, às vezes é necessário que a mulher oculte o seu desejo de ser mãe, do contrário ela não vai conseguir a vaga pleiteada.

Nesse sentido Del Priore (2014, p.07) afirma que: "antigamente, no tempo das avós, era ainda mais complicado. Nem se escolhia o marido; a família decidia pela noiva. Também as mulheres pouco saiam de casa; o trabalho era doméstico."

A fala da autora evidência as mudanças, hoje temos o mercado de trabalho, mas também as permanências que lugar da mãe é em casa.

Nesse sentido, a terceira entrevistada afirma:

Entrevistada 3 - "Sem dúvida, há empresas que ainda restringem a liberdade da mulher em querer ser mãe ao ameaçar de demissão, outras perguntam se tem intenção de ter mais filhos."

Para Pinto e Garcia (2011, p. 32) "Atualmente, o sinônimo de mulher pode estar facilmente relacionado a dinamismo, flexibilidade, competência, entre outros adjetivos [...]". Esses enunciados colaboram para uma melhor compreensão do modo como a mulher é percebida no ambiente de trabalho podendo ser enriquecidos com a percepção de uma das gestoras da empresa em que a pesquisa foi realizada.

Mesmo após grandes reconhecimentos as mulheres continuam sofrendo com desigualdades, segundo a quarta entrevistada, vejamos:

Entrevistada 4 - "Sim até mesmo na remuneração salarial, muitas vezes menor que do homem."

Confirmando o relatado na entrevista o (IBGE, 2009) afirma que:

O rendimento de trabalho das mulheres, estimado em R\$ 1.097,93, continua sendo inferior ao dos homens (R\$ 1.518,31). Em 2009, comparando a média anual dos rendimentos dos homens e das mulheres, verificou-se que, em média, as mulheres ganham em torno de 72,3% do rendimento recebido pelos homens. Em 2003, esse percentual era 70,8%.

A quinta entrevistada ao ser questionada se culturalmente a mulher brasileira ainda sofre preconceitos em relação à maternidade e o mercado de trabalho, afirmou:

Entrevistada 5 - "Sim, pois com a chegada de um filho a vida da mulher muda muito, e seus horários não são mais tão disponíveis ao trabalho. Tendo que muitas vezes se ausentar do trabalho por algum problema com os filhos, e os patrões pensam no lucro da empresa, e no desenvolvimento por completo do funcionário."

Ainda neste sentido, segue o posicionamento de Maluf (2009, p.50)

A fala das mulheres em relação a essa realidade é de queixa. Elas precisam adotar uma atitude competitiva para poder impor-se e obter respeito. A relação entre os sexos, aqui, torna-se problemática perante essa exclusão dos direitos de real igualdade entre os sexos. A mulher hoje é personagem de um processo histórico em construção.

Contudo, mesmo diante de várias adversidades as mulheres estão vencendo o preconceito e dominando um espaço cada vez maior na vida profissional, criando ainda uma disputa acirrada com o sexo masculino no mercado de trabalho.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal identificar como as mulheres de João Pinheiro conciliam a maternidade e a vida profissional. A partir das pesquisas empreendidas pôde-se constatar que a maioria das mulheres entrevistadas tiveram em comum as mesmas dificuldades de lidar com a educação dos filhos e conciliar seus horários de trabalho.

Interessante que são mulheres com faixa etária baixa entre vinte a trinta anos, ainda jovens, variando o grau de escolaridade entre fundamental, médio e superior, e que encontram impecílios para lidar com as multiplicidades de funções da mulher.

Ocorre também o fato da metade das mulheres estarem trabalhando após a maternidade, e boa parte não estarem ativas no mercado a mais de dois anos, sendo uma minoria entre elas que trabalham a menos de um ano. Sendo fato importante à satisfação de todas as entrevistadas que possuem trabalho.

No termino da licença maternidade a metade das mulheres que voltaram ao mercado de trabalho relataram que enfrentaram grandes mudanças e que a adaptação e o retorno ao trabalho foram complexos. Algumas relataram não terem sofrido grandes mudanças em suas tarefas, já a minoria afirmou não ter sofrido dificuldades.

Assim, constatou-se que o preconceito em relação à vida profissional após a maternidade enfrentado pela mulher no mercado de trabalho muitas vezes vem da própria sociedade e até mesmo da família que criticam as mães que optam por voltar a trabalhar e deixar a educação dos seus filhos com terceiros.

Tendo como agravante as barreiras impostas pelas organizações que dificultam a conciliação da maternidade e o emprego.

Através da coleta de dados e informações da presente pesquisa, pode-se considerar que é possível sim conciliar ambos os papéis. Ressalta-se também que com a força e a determinação à como essas mulheres e mães obter melhorias em suas qualidades de vida.

A realização profissional dessas mães poderá também ser vivenciadas ao lado da maternidade junto com desdobramento e esforço de si própria

Por fim pode-se dizer que a pesquisa realizada atingiu os objetivos propostos, no entanto maiores reflexões se fazem necessárias para a elaboração de mais estudos para o aprofundamento do tema pesquisado.

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, L. S. Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham. Revista do Departamento de Psicologia, 200719(2), 411-422.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. A soberania patriarcal: O sistema de Justiça Criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher (2004). – Doutrinas essenciais Direitos Humanos. Organizadoras Flávia Piovesan e Maria Garcia. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo: 2011.

BANDEIRA, Lourdes. A violência doméstica: uma fratura social nas relações vivenciadas entre homens e mulheres. — Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. Organizadores Gustavo Venturi e Tatau Godinho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

BARBOSA, P. Z., ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007). **Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões**. Psicologia Clínica, 19(1), 163-185.

BELTRAME, Greyce Rocha, DONELLI, Tagma Marina Schneider (2012). **Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis**. Ateitheia. Canoas. [Acesso em 02 de Nov de 2016], Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-03942012000200017

BRAZELTON, T. B. (1988). Gravidez: O nascimento do apego. In D. Batista (Trad.), O Desenvolvimento do Apego: uma família em formação. Porto Alegre: Artes Médicas.

COSTA, Albertina de Oliveira. Felizes, contentes e feministas - Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. Organizadores Gustavo Venturi e Tatau Godinho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

COUTO, Márcia Thereza, SCHRAIBER, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres - Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública. Organizadores Gustavo Venturi e Tatau Godinho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulheres**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014. Disponível em: http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=28420640020.

FREUD, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo (J. Salomão, Trad.). In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (vol. 19, pp. 217-224). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924a).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANT, W. (2002). A maternidade, o trabalho e a mulher. In Colóquio do LEPSI IP/FEUSP, 3., São Paulo. [Acesso em 29 de mar de 2016]. Disponível em www.scielo.br.

GRAVENA, A. C., BARHAM, E. J. (2012). **Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares**. Psicologia & Sociedade, 24(1), 130-138. [Acesso em 03 de nov de 2016]. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/15.pdf.

HEWLETT, S. A. (2002). Executive Woman and the Myth of Having it all. *Harvard Bussiness Review*.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008). Acessado em <30 de Outubro de 2016> Disponível em: <a href="http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\_nova/default.shtm">http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\_nova/default.shtm</a>

LEE, C., & Gramotnev, H. (2006). Motherhood Plans Among Young Australian Woman: Who Wants Children These Days? *Journal of Health Psychology*.

MALUF, Vera. Mulher, **trabalho e maternidade: uma visão contemporânea.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MARTINEZ, A. L., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. Estudos de Psicologia.

MOREIRA, Lisandra Espíndula, NARDI, Henrique Caetano. Vida de Equilibrista? Modos de Ser Mãe e Trabalhadora: Trajetórias de Mulheres em Diferentes Contextos Sociais. Interamerican Journal of Psychology. vol. 44, n. 1, 2010, p. 187-198.

PAZELLO, E. T. (2006). A maternidade afeta o engajamento da mulher no mercado de trabalho? Um estudo utilizando o nascimento de gêmeos como um experimento natural. Estudos Econômicos, 36(3), 507-538.

PAZELLO, E. T., & Fernandes, R. (2004). A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferenças de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não tem filhos. In *Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Economia, Anais Anpec*. [Acesso em 20 de out de 2016]. Disponível em: http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A151.pdf.

PICCININI, C. A., Gomes, A., NARDI, T., & Lopes, R.S (2008). **Gestação e a Constituição da Maternidade**. Psicologia em Estudos, 13 (1), 63-72.

PINTO, Greyce Priscila da Silva; GARCIA, Queila Soares Santos. A experiência da Mulher em retornar ao Trabalho após a Licença Maternidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Para obtenção do título de Psicólogo) — Faculdade do Vale do

Ipojuca, Caruaru, 2011. Disponível em: http://repositorio.favip.edu.br:8080/bitstream/123456789/499/1/A+EXPERI%C3%8ANCIA+DA+MULHER+EM+RETORNAR+AO+TRABALHO+AP%C3%93S+A+LICEN%C3%87A+MATERNIDADE.pdf>. Acesso em: 4 set. 2016. Fonte: https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/percepcao-das-maes-que-trabalham-sobre-o-impacto-da-sua-ausencia-na-relacao-com-o-filho © Psicologado.com

RAPOPORT, A., PICCININI, C.A. (2006). **O** apoio social e a experiência da maternidade. Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano, 16 (2), 215-225.

ROCHA-COUTINHO R. R., ROCHA-COUTINHO, R. R. (2011). **Mulheres Brasileiras em posições de liderança: novas perspectivas para antigos desafios**. Revista Economia Global e Gestão, 16(1), 61-80.

SCAVONE, L. (2001). **Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero**. Interface: comunicação, saúde e educação, 5(8), 47-60.

SIGAL, A. M. (2002). Algo mais que um brilho fálico: Considerações acerca da inveja do pênis. In *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. (S.L. Alonso, A.C. Gurfinkel, D.M. Breyton, Orgs). São Paulo: Escuta.

SILVA, Henriette Valéria da. O padrão de beleza imposto pela mídia. [Acesso em 25 de set 2016]. Disponível em http://observatoriodaimpresa.com.br/diretorio-academico/ed794opadraodebelezaimpostopelamidia/

Sociedade Brasileira de Pediatria (2010). **Campanha Licença-maternidade. Seis meses é melhor!** [Acesso em 29 de mar de 2016]. Disponível em http://www.sbp.com.br/showitem2.cfm?idcategoria=17&idetalhe=1604&tipo=D

SONEGO, J. C., Lopes, R. C. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia*.

SOUZA, L. R., Rios-Neto, E. L., & Queiroz, B. L. (2011). A relação entre parturição e trabalho feminino no Brasil. *Revista Brasileira de Estatística Populacional.* 

SPORTONO, P. M., Silva. I. M. & Lopes. R. S. (2008). Expectativas e sentimentos de mulheres em situação de reprodução medicamente assistidas. *Aletheia*.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **O protagonismo das vítimas de violência doméstica e familiar (2010). – Doutrinas essenciais Direitos Humanos**. Organizadoras Flávia Piovesan e Maria Garcia. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo: 2011.

### **ANEXO 1- QUESTIONÁRIO**

# FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO – FCJP CURSO DE ADMINISTRAÇÃO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ACADÊMICA: LUDMILA MARTINS DE SOUSA

Este questionário tem como finalidade, descrever a diferença das escolhas de mulheres da cidade de João Pinheiro, que voltaram a trabalhar após a maternidade e das que não regressaram ao trabalho fora do seu lar. Na oportunidade, quero agradecer de um modo especial, todas as mulheres que participarão deste questionário e informá-las de que será em sigilo as informações aqui citadas. Uma vez que a presente pesquisa se destina tão somente no levantamento de dados e informações para nos subsidiar na elaboração do nosso trabalho de conclusão do curso de administração de empresas.

### QUESTIONÁRIO

### 1- Idade

- ( ) 20 à 30 anos
- ( ) 31 à 40 anos
- ( ) 41 à 50 anos
- ( ) 51 à 60 anos

### 2- Renda familiar

- ( ) 01 salário-mínimo
- ( )de 01 à 02 salários
- () de 02 à 03 salários
- () mais de 03 salários

#### 3- Escolaridade

- ( ) Ensino fundamental
- ( )Ensino médio

( ) Ensino superior
<ul> <li>4- A quanto tempo não atua no mercado de trabalho?</li> <li>( ) menos de 1 ano</li> <li>( ) 1,5 a 2 anos</li> <li>( ) de 2 a 3 anos</li> <li>( ) a mais de 3 anos</li> </ul>
<ul><li>5- Em relação ao seu emprego como você se sente?</li><li>( ) satisfeita</li><li>( ) muito satisfeita</li><li>( ) pouco satisfeita</li><li>( ) insatisfeita</li></ul>
<ul> <li>6- Após a maternidade qual a principal barreira encontrada para retornar ao mercado de trabalho?</li> <li>( ) conciliar horário de trabalho e educação dos filhos</li> <li>( ) preconceito na contratação e no retorno do trabalho</li> <li>( ) dificuldade de adaptação no mercado competitivo</li> </ul>
7- Com o término da licença maternidade, acontece o reingresso no trabalho e na vida social. Você conseguiu executar suas tarefas diárias com a mesma precisão?  ( ) Sim,nada mudou  ( ) Algumas tarefas sim, outras não  ( ) Tudo mudou e com o retorno ficou mais complexo
8- Culturalmente a mulher brasileira sempre sofreu discriminações tanto sociais como profissionais, você acredita que a maternidade ainda enfrenta preconceitos?